

ADOLESCÊNCIA SEM FIM?

Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano

Joel Birman*

I. Sociabilidade e subjetivação

Pode-se registrar hoje, até mesmo com certa facilidade, a existência de uma nova cartografia no campo do *mercado de trabalho*. Esse, como se sabe, se transformou radicalmente nas últimas décadas, em decorrência da *globalização* da economia, construída que essa foi em torno do discurso *neoliberal*. Com isso, o ideário político e ideológico do nacionalismo caiu por terra progressivamente, correlato que esse era da *soberania* política do Estado-nação. No entanto, esse processo foi a consequência da mundialização do Capital, que não reconhece mais fronteiras, nem tampouco territórios. A única coisa que importa para aquele, no seu imperativo de lucratividade, é a sua reprodução.

Com isso, empresas transnacionais se expandem e se disseminam pelo mundo, instalando-se em territórios e países com mão de obra barata, para incrementar a sua produtividade, de maneira a aumentar assim a sua competitividade no mercado internacional. Os países de onde se originam essas empresas devem apenas se preocupar com a formação de quadros de alto nível técnico, que possam renovar, pela produção continuada do saber, os projetos competitivos daquelas. Isso porque, hoje, a economia fundada no conhecimento, seria a fonte maior para a produção de riqueza. Portanto, o fosso já existente entre as nações ricas e pobres tende a se incrementar de maneira vertiginosa, aumentando mais ainda o abismo entre o Norte e o Sul, na geopolítica internacional.

Os efeitos desse processo global, sobre o mercado de trabalho, promoveu efeitos evidentes.^{1,2} Não apenas o *desemprego* aumentou de forma vertiginosa nas últimas décadas, em escala internacional, como também a devastação sobre a população trabalhadora se incrementou, nos registros político e moral. Assim, as antigas formas de sociabilidade daquela, construídas desde o século XIX, se fragilizaram marcadamente, enfraquecendo então as organizações sindicais. A competição dos trabalhadores pelos postos de trabalho,

* Psicanalista, Membro do Espace Analytique e do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

¹ Birman, J. "Subjetividades contemporâneas". In: Birman, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

² Birman, J. "Reviravoltas na soberania". Idem.

além disso, incrementou o individualismo desses, face às formas coletiva de associação. Com isso, a *solidariedade* como valor, construída que foi a ferro e fogo pelos movimentos sociais desde a Revolução Industrial, tende ao desaparecimento. O desdobramento maior desse processo, enfim, foi a disseminação do *sofrimento* e a *banalização da injustiça social* na população trabalhadora.³

Entretanto, se o mercado de trabalho se reconfigurou por essas novas linhas de força, os efeitos mais marcantes desse processo se realizaram de maneira *diferencial*, privilegiando certos segmentos sociais às expensas de outros. Com efeito, são os jovens e os adultos, em torno de cinquenta anos, os que mais sofrem com as transformações em curso no dito mercado.

Os adultos, porque podem ser facilmente substituídos por trabalhadores jovens, que seriam melhores formados tecnicamente e, além disso, mais baratos, sendo aqueles então facilmente descartados pelo mercado. Portanto, se alguém perde o emprego nessa faixa etária, a possibilidade que tem de retornar ao mercado é cada vez menor. Enfim, essa população adulta caminha inevitavelmente para a *morte social* precoce, caso os indivíduos não inventem alternativas outras para se reinserirem no mercado de trabalho.

Pode-se afirmar, então, que a globalização neoliberal da economia internacional afeta diretamente de morte social pelo menos dois grandes segmentos sociais, quais sejam, os que pretendem se inserir no mercado de trabalho e os que dele são descartados, pela própria lógica inerente às modalidades novas de produtividade. Os efeitos disso, sobre as formas de *sociabilidade* e de *subjetivação* na contemporaneidade são fundamentais, desarticulando e desmapeando essa e aquela de maneira patente.

II. Caráter, respeito e desperdício

Num ensaio bastante estimulante, publicado em 1998, o sociólogo Sennett procurou delinear as transformações então em curso no mundo do trabalho, destacando os seus signos distintivos face ao passado, que eram ainda existentes no século XX. A sua formulação axial se condensou no sintagma “a corrosão do caráter”.⁴

O que Sennett pretendeu dizer com isso, afinal das contas? Nada mais nada menos, que as novas modalidades de trabalho hoje existentes exigem do trabalhador uma grande *flexibilidade*, para que possa se adaptar e sobreviver nas novas condições do mercado. Com isso, o indivíduo não poderia mais construir um *projeto de vida* de longo prazo como trabalhador, de forma a poder planejar a sua relação com o futuro, pela *garantia* e pela

³ Dejours, C. *Souffrance en France*. La banalisation de l'injustice sociale. Paris, Seuil, 1980.

⁴ Sennett, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

estabilidade fundadas no presente. Essa possibilidade ainda existia para a geração anterior, isto é, para a dos pais dos trabalhadores de hoje.⁵

Assim, a garantia e a estabilidade deixaram de existir na atualidade. Com isso, o trabalhador se readaptou às novas exigências do mercado de trabalho, em nome da sobrevivência. Para isso, aquele muda não apenas de emprego mas também de função, de forma a ser exigido de si uma intensa plasticidade subjetiva, inexistente na geração que lhe precedeu. Dessa maneira, o trabalhador de hoje deve estabelecer uma outra relação com os registros do *espaço* e do *tempo*, pois não apenas deve mudar frequentemente do lugar do emprego e de geografia para encontrar as melhores condições de trabalho, como também *calcular* insistentemente as novas relações existentes entre o tempo do presente e o tempo do futuro, para se proteger minimamente das incertezas sociais inevitáveis.⁶

Tudo isso implica, evidentemente, numa transformação radical das formas de subjetivação dos indivíduos, na medida que essas se ancoram nos registros sociais e existenciais da espacialidade e da temporalidade. Seria essa transformação que Sennett denominou de corrosão do caráter. Com efeito, se a palavra *caráter* remete para a existência de um eixo que seria ao mesmo tempo uma invariante que fundaria assim a consistência de uma dada existência e que regularia socialmente essa nos seus menores detalhes, seria justamente isso que seria marcado pela *corrosão*, pelas novas condições presentes no mercado de trabalho na contemporaneidade.⁷

Numa obra publicada em 2003, intitulada justamente “Respeito num mundo de desigualdade”,⁸ Sennett evidencia as transformações recentes no valor ético do *respeito*, que se articula evidentemente com a referida corrosão do caráter. Foi na direção da mesma linha de leitura, não obstante as suas diferenças teóricas óbvias, que caminhou também Bauman, que nos falou das *vidas desperdiçadas* que, como lixo e refugo, povoam o universo social da globalização neoliberal.⁹

O que me interessa destacar aqui, nesse ensaio, pelas novas condições existentes no universo do trabalho, é propor uma leitura sobre a juventude na atualidade. Assim, a questão que se impõe aqui inicialmente é de que forma essa foi tocada pelo vendaval desnorteante da atualidade, nas suas formas de subjetivação. Ao lado disso, como essas transformações em pauta se articulam com as mudanças ocorridas no registro social da família e dos novos laços

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Sennett, R. *Respect in a world of inequality*. New York, W.W. Norton & Company, 2003.

⁹ Bauman, Z. *Wasted lives. Modernity and Outcasts*. Cambridge, Polity Press, 2004.

conjugais. Estas transformações radicais, enfim, interpelam a discursividade psicanalítica, que deve ser sistematicamente relida em decorrência dessas novas interrogações.

III. Criminalização

Parece que existem cerca de cinquenta milhões de jovens fora do mercado de trabalho, hoje, na América do Sul, segundo dados recentemente divulgados pelas agências de pesquisa, no ano de 2007. Esse número tende a crescer nos próximos anos, ao que tudo indica, na inexistência de políticas sociais consistentes, para fazer face a isso. Essa avaliação, no entanto, não se restringe ao Sul do Equador, mas se dissemina como uma constante em todo o mundo. Isso evidencia, portanto, que a população jovem é um dos segmentos sociais mais atingidos pelo processo de globalização da economia internacional.

Essa *precarização*, das condições sociais e econômicas da juventude na atualidade, estaria na base de um conjunto de signos de *anomia*,¹⁰ que afetam tal segmento social na atualidade. Antes de mais nada, a *violência*, seja essa criminal ou não, que se transformou num signo maior de *mal-estar*^{11, 12} na sociedade contemporânea. No que concerne a isso, a violência não se restringe mais às classes populares, como ocorria anteriormente, mas se evidencia também nas classes médias, que passam também a ser igualmente caracterizadas pela violência na contemporaneidade.

No que se refere ao Brasil, as manchetes dos grandes jornais do país deram lugar a informações e múltiplas notícias sobre isso. Muitas dessas foram transformadas em manchetes, diversas em decorrência da sua eloquência. Desde que um índio Pataxó foi incendiado por um grupo de jovens de classe média em Brasília, no final dos anos 90, as indicações dessa violência criminal tendem a aumentar de maneira progressiva. A perversidade desse ato gratuito se impõe com evidência, sem muitos comentários, pois o índio apenas dormia num banco de praça, no espaço público, despossuído que era de qualquer recurso.

Recentemente, no Rio de Janeiro, o jornal “O Globo” informou que jovens de classe média, com educação universitária, atacaram prostitutas e travestis. A perversidade do ato em questão salta também aos olhos. Os jovens fizeram isso para se divertir? A diversão inconseqüente seria assim uma marca invariante da juventude, de todos os tempos e lugares, como sugeriram amigos e familiares daqueles?! Não me parece. Resta saber quais seriam as motivações macabras que conduziram a tais diversões anti-sociais e delinqüentes.

¹⁰ Durkheim, E. *Les règles de la méthode sociologique* (1937). Paris, PUF, 1996.

¹¹ Freud, S. *Malaise dans la civilisation* (1930). Paris, PUF, 1971.

¹² Birman, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. 6ª edição.

Ao lado disso, empregadas domésticas foram também atacadas em público, na aurora do dia, na Barra da Tijuca. Estamos em 2007 e “O Globo” deu o devido destaque ao acontecimento funesto. As bolsas das mulheres foram reviradas pelos jovens turbulentos. A justificativa dos jovens é que pensaram se tratar de prostitutas e não de alguém que seria uma trabalhadora honesta, como se isso fosse uma explicação cabível para o que fizeram. A perversidade do ato se associa aqui à covardia, pois eram homens jovens e fortes atacando mulheres sem defesas.

O discurso desses jovens pretende legitimar suas ações delinquentes enunciando que os seus alvos seriam seres socialmente indesejáveis, quais sejam, prostitutas e travestis. Ou, então, que a população pobre, constituídas por empregadas domésticas, seriam confundidas com esses seres indesejáveis socialmente. Os pais e amigos vem à público para dizer que tais personagens seriam “boas” pessoas e que não deveriam ser por isso criminalizadas. Afinal das contas, seriam “bons” alunos e “bons” filhos, que mereciam então serem bem vistos e reconhecidos socialmente por isso.

O que se pode depreender disso, de quem realiza tais atos e de quem os justifica, minimizando a gravidade ética do que ocorreu e ressaltando as características positivas dos rapazes, é a disseminação de uma retórica *fascista* no espaço social brasileiro, que se constrói para legitimar atos de violência permeados pela perversidade. O alvo, no caso, são segmentos sociais marcados pela precariedade e estigmatizados como indesejáveis, da mesma forma que já há alguns anos os mendigos tem sido alvo de violência e assassinato, que ficam sistematicamente impunes.

Em novembro de 2007, o jornal “O Globo” colocou como notícia, na sua primeira página, que tinha sido desbaratada uma quadrilha de jovens de classe média, muitos dos quais eram estudantes universitários. Esses já estavam assim no mundo da delinquência, no comércio de drogas ilícitas. Alguns desses jovens não apenas possuíam três aparelhos celulares, como também falavam neles o dia todo. Segundo declaração de um policial envolvido nessa enquête, os pais desses jovens não perguntavam a esses como adquiriram tantos aparelhos telefônicos, nem tampouco como passavam o dia ao telefone se deviam realizar as suas obrigações universitárias. Além disso, pelo menos uma mulher fazia parte da quadrilha, pela foto publicada no jornal.

Há poucos anos se constituiu uma nova modalidade de crime no Brasil, que evidencia uma inédita e assustadora forma de criminalidade. Assim, jovens passam a assassinar seus pais, seja para roubar seja para obter mais liberdade. Esses crimes podem se realizar apenas pelo filho assassino ou em associação com comparsas, que podem ser namorados e amigos.

Esse foi o caso do crime escandaloso que iniciou a série, ocorrido em São Paulo, no qual uma moça jovem junto com o namorado e um irmão desse trucidaram os pais daquela. Tratava-se de uma família rica e a jovem era também estudante universitária. Outros crimes como esse se seguiram, realizados agora por filhos homens.

No Rio de Janeiro, alguns crimes praticados agora pelos pais e geralmente pelo pai, foram colocados em destaque no jornal “O Globo”. A razão dos pais para isso é de se sentirem francamente ameaçados pelos filhos, adolescentes e adultos jovens. O contexto aqui é bastante preciso na sua caracterização psicológica e social. Com efeito, trata-se de filhos viciados em drogas pesadas, que demandavam dinheiro para os pais para comprarem drogas e que, diante da recusa desses, lhes ameaçaram com violência. Os pais reagiam então e mataram os filhos, alegando legítima defesa para esses atos limites.

Ao lado disso, foram desbaratados também diversas quadrilhas de falsificação de cartões de crédito, composta ainda por jovens da classe média. O jornal “O Globo” noticiou diferentes ocorrências como essa, no Rio de Janeiro, desde os anos 90, do século passado. Isso tudo sem considerar as ações armadas feitas por jovens de classe média, que assaltaram casas e estabelecimentos comerciais, noticiados fartamente que foram pelas mídias escrita e televisiva.

Assim, essas diferentes narrativas evidenciam que algo de bastante importante e insólito ocorre no segmento jovem das classes médias, inseridas nos centros urbanos brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. A criminalidade ostensiva e a delinqüência se disseminam pela juventude na atualidade com uma freqüência bastante alta. Tratam-se de jovens com educação universitária e que tem uma certa inserção familiar. Isso indica que a criminalidade e a delinqüência no Brasil se espalha cada vez mais para as classes médias, nos últimos anos, não ficando mais restrita apenas às camadas pobres da população, a que estava anteriormente associada.

O que implica em dizer que, aquilo que conduzia até recentemente apenas parcelas dessa última à criminalidade e à delinqüência, se coloca agora igualmente para as classes médias. Portanto, a não inserção social dos jovens de classe média e a falta de oportunidades sociais para parcela significativa desses acaba por conduzi-los fatalmente para a criminalidade e para a delinqüência, como ocorria anteriormente apenas com as camadas pobres pelas mesmas razões.

Poder-se-ia dizer, que a juventude tende a ser mais impulsiva e impetuosa que os adultos, em função de seus hormônios sexuais em nível elevado, como sugerem aqui e ali, de maneira sempre indireta, alguns cronistas da mídia e familiares dos jovens. Essa leitura

simplista não se sustenta aqui absolutamente, pois o que está em causa é uma mudança significativa não apenas do limiar de criminalidade e das modalidades dessa, em jovens de classe média e com alto nível de escolaridade. Evidentemente, os discursos biológico e psicológico não conseguem dar conta disso devidamente. Isso é óbvio e não vale a pena insistir mais nisso.

Poder-se-ia dizer ainda, como ainda se escuta frequentemente nas discussões informais e nas declarações da mídia, que tais jovens de classe média seriam provenientes de famílias fragilizadas moralmente, nas quais faltaria a devida *autoridade* das figuras parentais. Parece-me que esses sermões moralistas visam somente culpabilizar os pais, como se a falta desses e principalmente da figura paterna não fosse uma acusação recorrente, que permeia a sociedade brasileira desde o século XIX, em todas as crises sociais e políticas graves.¹³

Ora, que a *ordem familiar* esteja aqui implicada não resta qualquer dúvida. Mas é preciso considerar aqui, com bastante cuidado, as transformações dessa, ocorrida nas últimas décadas nos âmbitos nacional e internacional, para que o apelo à autoridade não se transforme imediatamente numa palavra-de-ordem para o incremento da repressão, seja familiar seja policial e escolar. Enfim, não se pode atribuir ingenuamente à falta de pai tudo aquilo que esgarça o tecido social na contemporaneidade.

Portanto, é preciso inserir a leitura desses acontecimentos inquietantes num registro bem mais abrangente, para que se possa interpretar devidamente o que se passa com a juventude na atualidade, no que tange à violência, nos campos da criminalidade e da delinqüência. Para isso, no entanto, é preciso articular com pertinência o que ocorre no registro *simbólico*, em íntima relação com o que se passa nos registros *econômico*, *social* e *político*. Com efeito, a não inserção da juventude hoje no campo do mercado de trabalho é um signo ostensivo da sua inscrição precária no espaço social, sem dúvida, mas tal signo precisa ser também considerado na sua devida articulação com as transformações cruciais ocorridas nas ordens familiar e simbólica, nas últimas décadas.

É por esse mesmo viés que se deve também considerar os novos limiares de violência da juventude, no que concerne agora as classes populares. Assim, há muito já se sabe que as impossibilidades de inserção dessas no mercado formal do trabalho lhes lançam imediatamente no mercado informal, pela fragilidade daquele. Em decorrência disso, a precarização das condições sociais daquelas classes lhes lança com mais facilidade ainda nos universos da delinqüência e da criminalidade, como estratégia de sobrevivência.

¹³ Bocayuva, H. *Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro*. Metáforas do biopoder. Rio de Janeiro, Revan, 2007.

Com efeito, de fogueteiros à soldados treinados do exército do narcotráfico, esses jovens tem data marcada para morrer, numa crônica repetida à exaustão da morte desde sempre anunciada. Quando esses não morrem precocemente, permanecem então por longos anos nas prisões, que lhes fazem concluir com distinção a carreira criminal.

Ao lado disso, é preciso também destacar que muitos dos chefes do narcotráfico são jovens, na faixa ainda dos vinte anos. Muitos deles morrem cedo, pelos próprios impasses decorrentes do exercício de suas funções, situada no limite do impossível. Entre os achaques da polícia, as traições no interior da própria quadrilha pela disputa do posto máximo e as rivalidades com as demais quadrilhas, a vida de um chefe do narcotráfico é de curta duração, sendo mortos bastante jovens.

Portanto, pode-se registrar uma efetiva e progressiva *criminalização* da violência da juventude brasileira na atualidade, que se realiza nas classes médias e populares. Esse processo é bastante recente na história brasileira, principalmente no que concerne às classes médias e que tem alto nível de escolaridade, até mesmo universitária. Trata-se, enfim, de um fenômeno novo e que se dissemina já no tecido social com bastante velocidade, que produzem acontecimentos não apenas espetaculares, mas também inesperados.

IV. Força e virilização

Porém, a violência hoje existente na juventude não se restringe apenas aos registros da criminalidade e da delinqüência ostensivas. Considerar somente esses registros seria simplificar bastante as coisas. Isso porque a violência e a transgressão se disseminam também por outros campos da existência social, manifestando-se por outros signos.

Assim, nos últimos anos a mídia nos fornece informações cotidianas sobre *acidentes de trânsito*, em geral graves e fatais, provocados por jovens das classes médias e das elites. O cenário daqueles são os grandes centros urbanos, geralmente o Rio de Janeiro e São Paulo. Se isso ocorre seja com jovens alcoolizados e drogados, seja sem qualquer uso de álcool e de outras drogas, o fato importante aqui é que os jovens dirigem quase sempre seus carros com alta velocidade, provocando frequentemente acidentes graves e até mesmo fatais. Muitos morrem nesses acidentes: sejam o motorista e seus amigos caronas, sejam transeuntes e passageiros de outros carros, que tem a infelicidade de estarem no lugar e na hora erradas, quando foram atropelados pelos jovens motoristas.

Ao lado disso, nos últimos anos as brigas violentas de jovens das classes médias e das elites se disseminaram nas cidades, em boates e bares onde esses se encontram. As menores razões são o ensejo para as grandes turbulências e os ataques violentos entre jovens. Esses e

aquelas podem ser de gravidade variável, sendo bastante comum os atendimentos em hospitais por lesões corporais.

O equivalente disso, no campo das classes populares, são as brigas e enfrentamentos de jovens em bailes funks, onde a violência física e a troca de tiros podem ocorrer com frequência. Os enfrentamentos entre *gangs* rivais cadenciam tais acontecimentos, se transformando, assim, numa rotina funesta, o que deveria ser uma alegre reunião festiva.

O que está em pauta aqui nesses diversos eventos, não obstante as suas diferenças sociais e geográficas patentes no cenário urbano, é o *culto* da violência em si mesma, como se essa fosse um *valor* que se fundasse nas suas próprias bases. A finalidade *ética* da ação violenta não conta muito aqui, como razão e condição para o ato perpetrado, pois aquela se produz e se reproduz por suas próprias linhas de força. Vale dizer, o culto da violência se transformou num valor em si mesmo, que se dissemina como um rastilho de pólvora no espaço social.

O que estaria em questão nesse culto gratuito da violência? Parece-me que, pela manifestação da violência, o jovem realiza uma cena de *exibição de força*, pela qual realizaria uma *afirmação de si* e buscaria ao mesmo tempo o *respeito* da parte dos outros. O que implica em dizer que é a *força* como emblema o que se destaca aqui enquanto tal, nos registros *estético* e *moral*, por si própria, desvinculada que seria assim de qualquer finalidade e motivação que pudessem lhe inserir num horizonte de *justiça*.

Estaríamos aqui, portanto, diante de uma juventude *pit bull*, na qual o culto dos *músculos* e da exibição da força se autonomizariam enquanto tal. Pode-se afirmar então, sem pestanejar, que seria a *virilidade* como valor autônomo o que se evidencia por essa exibição de força, de maneira que ser forte e dar porrada para valer seria para parcela dos jovens, hoje, uma modalidade de afirmação da *masculinidade*.

A indagação que se impõe aqui, como um imperativo, é quais seriam as razões pela qual a juventude na atualidade encontra na exibição de força uma das únicas possibilidades para a sustentação da virilidade e para a obtenção do respeito? Além disso, por quê a obtenção do *reconhecimento* entre os seus pares, passaria pela exibição da força e pela ostentação da virilidade para a juventude, hoje?

Essa exibição ostensiva da força se articula intimamente com o culto meticuloso dos cuidados corporais que os jovens realizam. Dentre esses cuidados se destacam a musculação e o incremento da força muscular. A exibição ostensiva de tórax crescidos e inflados está decididamente na moda na população jovem, como um valor estético, no qual o belo se condensa aqui com a força de maneira orgânica.

O que os jovens pretendem com isso? Parece-me que, por esse procedimento, os jovens procuram igualmente exhibir a sua força e a imponência de seus músculos, para adquirirem assim respeito e provocarem o *medo* nos demais. Tudo se passa, portanto, como se o valor deles se condensasse na massa muscular truculenta que exibiriam na cena social. Com efeito, se a musculatura inflada é um signo inequívoco de beleza que os jovens exibem com a finalidade de sedução erótica, num registro estético, a isso se associa também a respeitabilidade por essa via, num registro moral. Com isso, os jovens podem provocar também medo nos seus pares, repito.

Portanto, da velocidade imprimida na condução dos automóveis até os confrontos físicos ostensivos, passando pela exibição do corpo inflado e truculento, é sempre a força como valor um dos eixos que se destaca na forma de ser da juventude hoje. O culto da virilidade é o correlato da cultura *pit bull* nessa presente.

A pergunta que se coloca agora, com insistência, é a razão pela qual os jovens de hoje precisam tanto daquele culto e daquela cultura, como modalidades destacadas de afirmação de si. A resposta a essa indagação é uma das que pretendo desenvolver nesse ensaio.

V. Simulacros

No que concerne a isso, pode-se dizer inicialmente que tal cultivo da força pela juventude, nas suas múltiplas formas, é uma maneira dessa poder aceder à alguma forma de *visibilidade* no campo social. Pela inflação do corpo musculoso e pelas turbulências que provocam à sua volta, com efeito, os jovens buscam atrair o *olhar* dos outros sobre eles, para adquirirem então alguma *certeza* de suas *existências*. O que estaria aqui em pauta, enfim, seria uma inconsistência básica na certeza efetiva de *ser*.

Contudo, isso implica em dizer que, pelo olhar dos outros e pela exibição correlata da corpulência muscular, a juventude busca desesperadamente algo da ordem do reconhecimento. Seria pela mediação da experiência do reconhecimento que algo da ordem da certeza de ser e de existir poderia minimamente se precipitar simbolicamente no psiquismo. Se essa interpretação é coerente e nos oferece uma direção efetiva de leitura para o que acontece hoje com a juventude, essa interpretação se desdobra no enunciado de que existe nessa uma fragilidade importante nos processos simbólicos de reconhecimento. Dessa maneira, a não inserção consistente da juventude hoje, no mundo do trabalho, seria apenas o signo mais ostensivo de algo de ordem mais abrangente e que estaria francamente em curso.

Assim, face ao não reconhecimento efetivo de sua *potência* no mundo, enquanto seres sociais propriamente ditos, isto é, diante de seu vazio simbólico, a juventude na atualidade constitui *simulacros* de potência, pelos caminhos laterais da virilização e da inflação

muscular. O que estaria em pauta, assim, é uma *caricatura* da potência, que se evidenciaria pelos signos corporais, sejam esses a força ou a musculatura. Com efeito, tais signos passam a se destacar e a se avolumar excessivamente no imaginário juvenil, de forma a se impor inequivocamente como formas de ser e de existir, marcando o seu *ethos* e seu *pathos* de maneira indelével, configurando então formas fundamentais de subjetivação da juventude na contemporaneidade.

Essas transformações, no entanto, são inseparáveis de outras nas quais é ainda a ordem do corpo e o registro da visibilidade que estão em pauta na experiência da juventude. Estou me referindo agora aos *piercings* e *tatuagens*, que marcam de maneira ostensiva a superfície da corporeidade dos jovens hoje. É disso que vou começar a tratar agora, pois evidenciam os impasses dos processos de subjetivação hoje, para a juventude.

VI. Escrituras e esculturas corporais

Além da musculatura e da truculência corporal existe uma outra transformação radical no cenário público no que concerne à aparência dos adolescentes e jovens adultos, cuja distinção, aliás, se torna cada vez mais difícil de ser estabelecida.¹⁴ Assim, a superfície corpórea se transmutou de maneira significativa, oferecendo ao olhar um espetáculo de formas e cores que modifica o tradicional estatuto de civilidade no tocante ao corpo. Com efeito, a antiga *discrição* se transforma em *indiscrição*, como, aliás, ocorre igualmente com a musculatura excessiva e a truculência corporal.

De modo amplo, geral e irrestrito, essa outra modalidade de indiscrição se disseminou no espaço social da contemporaneidade, de maneira imperativa e eloqüente. Um novo espetáculo se impõe, aqui e agora, para que possamos nos deleitar com seu colorido e suas formalidades. Outros eixos constitutivos, das formas de subjetivação da juventude, podem ser agora evidenciados, pelo desbravamento interpretativo desses outros limiares e espaços novos de visibilidade.

Assim, os adolescentes e jovens adultos de hoje se caracterizam, entre outras coisas, pelo uso ostensivo de *piercings*, inscritos e incrustados no corpo de maneira eloqüente. Esses jamais passam despercebidos, não obstante a naturalização de tais incrustações na cena pública contemporânea. Somos obrigados a olhá-los, já que tais *adereços* corporais irrompem em nosso campo visual, provocando uma efetiva experiência de descontinuidade. Como uma cena teatral, essa fenda provocada no olhar nos entreabre para outros horizontes perceptivos e para outras densidades existentes no mundo da juventude.

¹⁴ Por isso mesmo, tenho me referido até agora nesse ensaio, seja à *juventude* seja aos *jovens*, que englobam tanto os adolescentes quanto os jovens adultos. Pretendo enunciar, ao longo desse texto, as razões que conduzem a essa indistinção hoje.

Como um imperativo perceptivo, das orelhas aos lábios, passando pelo nariz e pelo umbigo, esses balangandãs se impõem necessariamente a nosso olhar, apesar de nossa discreta intenção de não nos atermos a eles. Não existe aqui nem barulho, nem tampouco ruído. A cena se inscreve apenas como imagem, sob o fundo abissal do silêncio. Sabemos que tais incrustações se encontram também nos órgãos genitais, permanecendo, contudo, como um segredo de alcova entre os corpos dos amantes. Por esse viés, a dimensão *erótica* desses artefatos se torna não apenas patente, mas também imediata, saltando literalmente aos olhos.

As *escrituras* corpóreas se multiplicam e se diversificam, evidenciando novas complexidades e requintes nos traços, de modo a transformar as tatuagens em mais uma marca específica dos adolescentes e adultos jovens hoje. Dos pés à cabeça, passando pelos braços, pernas e barriga, sem esquecer os tornozelos e as bundas, as tatuagens multicoloridas passaram a constituir outra superfície pictórica na contemporaneidade.

Essas esculturações e pictografias nos evocam imediatamente as práticas indígenas de inscrever formas e cores na superfície corpórea, conjugadas à incrustação de próteses nas dobras do somático. Nesse contexto, a pele se adensa como tela, adquirindo a textura de um pergaminho, na qual as inscrições serão imprimidas, numa versão corporal e indígena dos hieróglifos egípcios e dos ideogramas chineses. Ao lado disso, o corpo se avoluma como matéria-prima escultural, desdobrando-se, assim, em múltiplas camadas de inscrições.

A aparência da imagem corporal perde a descrição típica da civilidade burguesa e se apresenta como uma *assinatura*, do qual seu usuário é o portador. Assinatura visual e não mais escriturária, bem entendido. Porém, assim mesmo assinatura, remetendo evidentemente para uma outra gramaticalidade retórica, que precisa ser não apenas reconhecida na sua estranheza como signo, mas também devidamente decifrada na sua *singularidade*.

Como ler isso, em sua evidência visual, sem tropeçar em interpretações apressadas? Estamos hoje há muito distantes de interpretar tais marcas como signos de retorno ao primitivismo tribal, aos dias pretéritos da Antiguidade egípcia e aos faustos gloriosos da civilização chinesa. Isso porque o discurso do evolucionismo antropológico está decididamente descartado de nosso imaginário cultural.

Ao lado disso, tais esculturações e pictografias corporais evidenciam certamente algo de ordem lúdica. Não se pode perder isso de vista. Algo da ordem da *ironia* se inscreve no registro da enunciação dessas apresentações, que cadencia a ritmicidade da cena lúdica. Com efeito, um *jogo* do sujeito como seu corpo entra em cena, o que em nossa tradição vem associado à figura do feminino. As mulheres sempre tiveram bem mais possibilidades e liberdade de *brincar* com o corpo e a aparência. Elas sempre inventaram em seu corpo novas

aparências, como modalidades de *máscaras*. Os homens, ao contrário, sempre foram tradicionalmente mais hieráticos e silenciosos na sua aparência, se fixando bem mais na suposta virilidade da verticalidade das formas e sem gingar como dançarinos pela horizontalidade de seu corpo.

Poder-se-ia depreender disso que um *estilo feminino de existência* se dissemina no Ocidente¹⁵, englobando agora não apenas as mulheres mas também os homens, que passam aderir com volúpia à mesma mascarada. Pode-se destacar assim, por esse viés, como algo de oposto à virilização se impõe aqui, por esse outro eixo de subjetivação da juventude, num contraponto efetivamente paradoxal. Com efeito, se pela musculatura excessiva e brutal a potência se apresenta como caricatura e simulacro, enfatizando com estridência a *diferença sexual*, pelos *piercings* e tatuagens é a relativização da diferença sexual o que se enuncia com eloqüência.

Mesmo reconhecendo a pertinência de tais eixos de leitura, algo de enigmático persiste e se apresenta ainda na leitura dessas novas práticas corporais, exigindo de nós um trabalho complementar de deciframento. É preciso delinear devidamente a natureza original desses *acontecimentos* corporais novos na nossa tradição, para que se possa articular aqui uma interpretação de conjunto, que possa englobar e costurar os diferentes fios que destacamos até agora.

Para isso, é preciso considerar agora não apenas os impasses para definir efetivamente a adolescência hoje, mas também como se enunciam na atualidade as novas linhas de força presentes nos discursos da biopolítica e da nova ordem familiar. É o registro simbólico que estará agora em pauta, nos possibilitando relançar todos esses enunciados num outro limiar de leitura.

VII. Questão de Método

Assistimos, hoje, a uma transformação crucial da condição adolescente, cuja duração, rigorosamente falando, se estende cada vez mais, de maneira a se identificar ao que no passado se denominava de jovens adultos. A *fronteira* que separava com facilidade e distinção essas duas condições da existência, como territórios bem diferenciados, se apaga progressivamente. Com efeito, o que se evidencia hoje são *bordas*, que misturam e superpõem os espaços desses territórios, pelas porosidades presentes na anterior linha de demarcação.

Além disso, a adolescência tende a começar em uma época cada vez mais precoce, estreitando então a duração do que antes era denominado de infância. Assim, a infância se estreita atualmente em decorrência dos imperativos de performance impostos às crianças

¹⁵ Sobre isso, vide: Birman, J. *Por uma estilística da existência*. Rio de Janeiro, 34, 1996.

desde muito cedo, diminuindo bastante o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis, incidindo isso então diretamente sobre o imaginário infantil. Em contrapartida, a adolescência se prolonga excessivamente, como consequência da impossibilidade da inserção social dos jovens no mundo do trabalho e nos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar.

Esticada nos dois pólos que a delimitavam como uma das *idades da existência*, a adolescência rompe agora de forma radical com a cronologia outrora estabelecida, evidenciando como ela não passava de um artefato fundado em certas *normas* sociais, sem qualquer consistência teórica nos registros biológico e psicológico. Ao contrário, o que definia anteriormente a dinâmica das diferentes idades da existência, em suas durações e seqüências bem delimitadas, era um *paradigma* da ordem social regulado pelo horizonte de inserção da juventude no mercado de trabalho e no limiar de poder construir um outro núcleo familiar, de maneira a delinear certas possibilidades simbólicas e definir seus limites estritos.

As leituras biologizantes da adolescência – que a concebem em uma superposição com a puberdade e como desdobramento das produções hormonais daí advindas – e as psicologizantes – que a interpretam como uma fase de maturação do psiquismo, no qual esse se ajustaria com as ditas transformações hormonais e o horizonte do acasalamento que isso configuraria -, não podem dar conta do que se passa hoje com a condição adolescente, na medida que a dimensão *simbólica* dessa é inseparável das transformações prescritas nas ordens social, econômica e política, em escala internacional.

O que proponho aqui, portanto, é uma leitura das idades da existência, na qual os registros biológico e psíquico, em sentido estrito, se inscrevem na dinâmica das ordens social, econômica e política que, como condições concretas de possibilidade, delineiam as suas inscrições simbólicas.

VIII. Biopolítica e idades da existência

A adolescência, como idade da existência humana, foi apenas constituída na *modernidade*, da mesma forma que a infância. Antes da constituição da família *nuclear* moderna, estritamente burguesa, nem infância nem adolescência eram delimitadas como idades da existência em suas especificidades.¹⁶ Isso aconteceu na passagem do século XVIII para o XIX, com a emergência da *biopolítica*.^{17, 18, 19, 20} ao erigir a *qualidade de vida* da

¹⁶ Sobre isso, vide: Ariès, Ph. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime*. Paris, Seuil, 1973; Ariès, Ph., Duby, G. *Histoire de la vie privée*, volume 3. *De la Renaissance aux Lumières*. Paris, Seuil, 1986; Ariès, Ph., Duby, G. *Histoire de la vie privée*, volume 4. *De la révolution française à la Grande Guerre*. Paris, Seuil, 1987.

¹⁷ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.

¹⁸ Foucault, M. *Il faut défendre la société*. Paris, Gallimard/Seuil, 1997.

¹⁹ Foucault, M. *Sécurité, territoire, population*. Paris, Gallimard/Seuil, 2004.

população, como signo maior da riqueza das nações.²¹ Esse processo se desdobrou de forma inequívoca em um investimento social maciço na infância, de início, e na adolescência, em seguida.

Para isso, no entanto, a *população* passou a ser investida como objeto e alvo privilegiado do *poder*, de maneira que a sua gestão meticulosa se delineou como campo primordial desse.²² A cartografia do espaço social passou a ser progressivamente delineada de forma ostensiva, pelas ações da polícia médica e da higiene social, que passaram a regular então o processo de *normalização* do social.²³

Se a qualidade de vida da população passou a implicar em produção de riqueza, a infância e a adolescência passaram a condensar o Capital simbólico e econômico da futura riqueza das nações. Com isso, uma população saudável e bem educada seria o signo maior para o investimento social e econômico, de maneira que a *medicalização* do espaço social e a *universalização* do ensino obrigatório se propagaram pela Europa e pelos Estados Unidos.

Posteriormente, esse mesmo processo se disseminou em escala mundial. Com efeito, o código que regula o Índice de Desenvolvimento Humano, como correlato da riqueza das nações, foi formulado como discurso político pela Organização das Nações Unidas. Nesse código, os indicadores sanitários e educacionais se destacam como signos privilegiados do desenvolvimento econômico e social.

Essa transformação sociopolítica acarretou uma transformação antropológica fundamental. A família nuclear moderna, centrada nas figuras parentais e nos poucos filhos, foi a sua contrapartida crucial. Estava, assim, desconstruída a antiga família extensa, que incluía não apenas diversas gerações, mas ainda muitos filhos e agregados.²⁴ Ao lado disso, a figura da *mulher* foi reduzida à de *mãe*. Como figura fundamental de poder que lhe foi outorgado no âmbito familiar, para mediar as relações com as ordens *médica* e *pedagógica*,²⁵ a mãe foi a figura crucial na qualificação familiar da futura riqueza das nações, isto é, as crianças e os adolescentes.

A concepção de que existiria um *amor materno originário* e um *instinto* especificamente voltado para a *maternidade* aqui se constituíram, como nos disse Badinter.²⁶ Porém, isso implicou num custo libidinal bem mais alto para as mulheres como mães, na modernidade ocidental, do que para os homens como pais. Não foi um acaso que Freud se

²⁰ Foucault, M. *Naissance de la biopolitique*. Paris, Gallimard/Seuil, 2004.

²¹ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Op. cit.

²² Ibidem.

²³ Foucault, M. *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard, 1974.

²⁴ Ariès, Ph. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Op. cit.

²⁵ Birman, J. *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

²⁶ Badinter, E. *L'Amour en plus. Histoire de l'amour maternel* (XVII^e – XIX^e siècle). Paris, Flammarion, 1980.

referiu a isso, num ensaio de 1908, intitulado “A Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos”.²⁷ Com efeito, o *sacrifício* libidinal da figura da mulher foi aqui instituído, nessa redução do feminino à maternidade, de forma que as perturbações psíquicas daquela, descritas pela psicanálise, seriam decorrentes desse *mal-estar* instituído na modernidade.²⁸

Se inicialmente o discurso freudiano destacou o lugar primordial ocupado pela *histeria* como evidência desse mal-estar,²⁹ foi a *melancolia* e a *depressão* das mulheres, em seguida, que foram colocadas no primeiro plano da cena do sofrimento.³⁰ Entre a histeria e a melancolia/depressão, enfim, era a experiência psíquica do *masoquismo* o que fundaria o sacrifício libidinal das mulheres, reduzidas que foram então à condição materna.

Com isso, as mulheres/mães não podiam ser objetos de identificação para as filhas, pois, destruídas como foram pelo sacrifício libidinal, não poderiam ser uma imagem atraente que possibilitasse um *devir* para as meninas. Essas, com efeito, buscavam em outras mulheres o ideal do feminino, que suas mães não mais representavam.^{31, 32} Ao lado disso, para os filhos homens a figura da mãe seria assexuada e sagrada, de maneira que a figura da mulher propriamente dita seria efetivamente representada pela da prostituta.³³

Foi ainda nesse contexto histórico que se constituiu a *Bildung*, isto é, a prática da educação do espírito na tradição alemã, pela qual a condição adolescente assumiu uma posição estratégica. Goethe nos mostrou isso nos romances “Os sofrimentos do jovem Werther”³⁴ e “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”.³⁵

Assim, se a infância era a idade inicial da vida, na qual as bases da sanidade e da boa educação se inscreveriam no corpo e no espírito, a adolescência seria não apenas o tempo crucial de desdobramento desse tempo inaugural da existência, mas também o das experimentações fora da família e o da descoberta das escolhas, nos registros do amor e do trabalho. No que concerne a isso, as múltiplas aventuras de Wilhelm Meister,³⁶ nos seus anos

²⁷ Freud, S. “La moral sexuelle ‘civilisée’ et la maladie nerveuse des temps modernes” (1908). In: Freud, S., *La vie sexuelle*. Paris, PUF, 1973.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Freud, S., Breuer, J. *Études sur l’hystérie* (1893). Paris, PUF, 1971.

³⁰ Sobre isso, vide: Freud, S. “Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes” (1925). In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Op. cit.; Freud, S. “La sexualité féminine” (1931). Idem.

³¹ Freud, S. “Fragment d’une analyse d’hystérie (Dora)” (1905). In: Freud, S. *Cinq Psychanalyses*. Paris, PUF, 1975.

³² Freud, S. “Sur la psychogenèse d’un cas d’homosexualité féminine” (1920). In: Freud, S. *Névrose, psychose, perversión*. Paris, PUF, 1973.

³³ Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (1905). Paris, Gallimard, 1962.

³⁴ Goethe, W. “Les souffrances du jeune Werther”. In: Goethe, W. *Romans*. Paris, Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1954.

³⁵ Goethe, W. “Wilhelm Meister”. Idem.

³⁶ Ibidem.

aprendizado, são paradigmáticos desse processo de experimentação e de descoberta da vida, antes do personagem constituir um novo núcleo familiar.

A idade adulta, por sua vez, seria o ponto de chegada desse trajeto linear e ascendente. Assim, o jovem se inseriria finalmente na ordem social, com todas as responsabilidades daí advindas, relançando então o ciclo contínuo de reprodução da vida e da existência, com a nova família que então se constituiria. Os sacrifícios libidinais dos pais aqui se iniciariam, em nome da qualidade de vida da prole. Porém, como já disse, o sacrifício libidinal era bem maior para as mulheres do que para os homens, já que esses poderiam ter uma existência outra, no registro extra-familiar, com ganhos libidinais diretos e indiretos.

Na velhice, no entanto, quando os filhos teriam que ir embora, para constituir outros núcleos familiares, os pais sacrificados libidinalmente e principalmente as mães, mais despossuídas por esse processo, cobravam daqueles tudo aquilo que lhes foi retirado como possibilidade de vida e de prazer. De forma direta e indireta, com efeito, os filhos deveriam devolver tudo aquilo de que elas tinham sido despossuídos. Porém, como essa devolução é, no limite, impossível, isso se transformava na condição de possibilidade freqüente para as perturbações psíquicas dos pais idosos e de neuroses para os filhos agora adultos, conduzindo frequentemente aqueles à morte. Enfim, a melancolia e a paranóia dos idosos era inseparável desse processo.

IX. Outra ordem

Esse paradigma civilizatório, contudo, se rompeu de forma progressiva à partir dos anos 50 e 60, com o movimento das mulheres para ocupar um outro lugar no espaço social. Elas pretendiam não apenas ser mães, mas sobretudo mulheres, dispoindo das mesmas oportunidades sociais e libidinais de que desfrutavam os homens. Portanto, uma outra transformação antropológica fundamental se constituiu aqui, quando elas passaram a ocupar uma posição dupla, divididas que ficaram desde então entre as pretensões maternas e profissionais.

Contudo, os homens não preencheram os vazios familiares deixados pela ausência relativa das mulheres, não dividindo devidamente o cuidado dos filhos. A estrutura familiar foi assim virada de ponta-cabeça. As crianças foram então deixadas com as babás ou, então, lançadas precocemente em creches e escolas maternas, de maneira que deixaram de contar com o olhar e o cuidado permanente dos pais. Os efeitos disso não tardaram a aparecer, produzindo novas modalidades de subjetivação.

Assim, as normas do casamento se transformaram radicalmente e a quase sagrada família monogâmica caiu por terra. O imperativo de realização do *desejo* de cada um e o da

sustentação do *projeto individual* de cada um dos cônjuges delineou um outro horizonte ético e passou a prevalecer sobre a exigência de manutenção dos laços matrimoniais. Vale dizer, o laço conjugal apenas seria mantido caso incrementasse o desejo e o projeto individual dos cônjuges. Caso contrário, a separação se imporia inevitavelmente. Essa se transformou numa prática social corrente, sem que isso comprometesse a *honra* e a *respeitabilidade* dos membros do casal, como ocorria frequentemente no paradigma civilizatório anterior.

Neste contexto, o divórcio se disseminou como prática social e novas modalidades de conjugalidade se instituíram em larga escala. As crianças e os adolescentes passaram a se inscrever assim numa outra economia familiar, convivendo com padrastos e madrastas, por um lado, e com os filhos dos novos companheiros dos pais, pelo outro. Com isso, foram esboçados outras formas de relação de *parentesco*, que passaram a se conjugar então com as formas anteriormente estabelecidas, seja em *ressonância* seja em *dissonância* com essas. A economia psíquica da prole passou também a ser declinada em decorrência desses desdobramentos, de maneira mais ou menos conflituosa.

Tudo isso foi bastante enriquecedor para a construção de novos laços sociais das crianças e dos adolescentes, por um lado, ao dessubstancializarem as figuras parentais e evidenciando assim as *funções* materna e paterna, na qual aquelas podiam ser então substituídas por outras personagens, sem necessariamente prejudicar as funções em pauta. Porém, se tornou também fonte de insegurança para aqueles, pelo outro, que perderam algo em termos do *investimento libidinal*, que recebiam anteriormente. A auto-estima das crianças e adolescentes foi dessa maneira atingida, certamente.

Ao lado disso, como as figuras parentais passaram a buscar a realização *singular* de seus desejos e projetos existenciais, sustentando assim um ideal de experimentação permanente e em oposição ao antigo código matrimonial monogâmico, um *estilo adolescente de existência*³⁷ se disseminou pelo espaço social. Em decorrência disso, a *autoridade* simbólica das figuras parentais se fragilizou de forma progressiva e os filhos adolescentes começaram a encará-las como *quase* iguais e quase como parceiros na aventura inquieta da existência, produzindo com isso uma transformação radical na economia simbólica da família.

Assim, passou a ser não apenas comum mas também aceitável que pais e filhos pudessem usar drogas juntos, fazendo confissões e memórias de suas histórias, como se fossem velhos amigos. Ou, então, tomarem porres juntos e desabafarem as suas mágoas, ressentimentos e angústias. Da mesma forma, confidências sobre as vidas amorosas de cada

³⁷ Birman, J. *Por uma estilística da existência*. Op. cit.

um passaram também a serem trocadas, como se tratassem de figuras quase iguais e como se a *hierarquia* simbólica e a *assimetria* geracional deixasse de existir.

Foi nesse contexto histórico que se constituiu uma crise importante no sistema escolar, no qual não se configurou ainda, no horizonte, as possibilidades concretas para a superação de seus impasses. Assim, se desde o século XIX o processo de *socialização primária* das crianças era realizado no âmbito da família nuclear,³⁸ no qual o *ethos* era forjado e transmitido pelas figuras parentais, o processo de *socialização secundária*³⁹, em contrapartida, era constituído formalmente pela escola e pelos métodos pedagógicos. Contudo, com a disseminação das creches e das escolas maternas, pelas transformações sociais que indicamos acima, a socialização primária passou a ser progressivamente deslocada da ordem familiar para o sistema escolar. Esse deslocamento se intensificou nos últimos anos, atingindo não apenas a infância mas agora também a adolescência, na medida que os pais passaram a demandar que a escola assumisse cada vez mais, em relação a essa, a responsabilidade da socialização primária, além da secundária.

A escola resiste a isso, bem entendido, já que teria que ser reinventada em novas bases, diferente dos eixos em que foi constituída no século XIX, para responder a essa demanda. De qualquer forma, um novo *contrato social*, entre as instituições *familiar* e *escolar*, terá que ser inevitavelmente construído no futuro, para superar e direcionar esses impasses, hoje existentes.

Conjugando, assim, essa transformação simbólica prévia com as mudanças sociais e econômicas ocorridas desde o final dos anos 80, a resultante maior disso foi a transformação radical da condição adolescente, de maneira que a superposição real dessa com a dos jovens adultos se realizou efetivamente. Isso porque, em oposição ao dinamismo econômico do pós-guerra, marcado pela criação de oportunidades sociais e pela figura do Estado do bem-estar social, o processo de globalização da economia em bases neoliberais provocou o desemprego em escala catastrófica, sempre em nome da produção de riqueza e da rentabilidade do Capital, afetando diretamente a juventude.

Com efeito, como já disse, os jovens adultos constituem uma das idades da existência que foi uma das mais atingidas por esse processo devastador, pois, impossibilitados de se inscreverem no mundo do trabalho e do reconhecimento simbólico de sua potência, ficam à deriva, em uma espécie de adolescência prolongada e quase infinita.

³⁸ Bourdieu, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz, 1972; Bourdieu, P., Passeron, J. C. *La reproduction*. Paris, Minuit, 1970.

³⁹ *Ibidem*.

É nesse contexto preciso que se pode rigorosamente indagar se existe efetivamente um *fim* para a adolescência, ou se essa não seria necessariamente *infinita* e sem fim. O estilo adolescente de existir, das figuras parentais na contemporaneidade, que enunciei acima, já indicava isso. O que implica, para o discurso psicanalítico, numa interrogação complementar e suplementar, qual seja, se o Édipo pode ser efetivamente ultrapassado na existência adulta.

O que pressupõe a formulação de uma outra questão, isto é, se o enunciado psicanalítico anterior que afirmava não apenas o fim mas também a liquidação do Édipo não se inscrevia, de fato e de direito, no discurso biopolítico instituído no século XIX e que perdurou como tal até os anos 50 e 60 do século XX. Portanto, num outro paradigma biopolítico, presente na contemporaneidade, é o fim do Édipo o que se coloca efetivamente em questão. Estaríamos entrando agora num mundo pós-edipiano?

X. Inconsistências do corpo próprio

A transformação do investimento libidinal provoca nas crianças e nos adolescentes a diminuição efetiva da auto-estima, que é reduzida ainda mais pela inserção precária dos jovens adultos no mundo do trabalho e do reconhecimento simbólico, em razão do *desolamento* que isso provoca.

Assim, se as crianças e os adolescentes de outrora se caracterizavam em geral pela maior segurança e pela expansão do eu em bases mais sólidas, em decorrência do investimento positivo do narcisismo, na atualidade esse investimento está em franco processo de declínio. As novas modalidades de perturbações psíquicas, que caracterizam as formas de mal-estar hoje, indicam isso com bastante evidência.

Com efeito, os *estados-limites*, os *fronteiriços*, as *perturbações psicossomáticas*, as *depressões* e os *atos anti-sociais* que se evidenciam atualmente, ao lado dos que sofrem de *anorexia*, *bulimia* e *adições*, são signos eloqüentes desse vazio que se evidencia na economia do narcisismo.^{40 41} Se a preocupação excessiva do indivíduo com o seu *corpo*, transformado que foi esse no *bem-supremo* na pós-modernidade,⁴² é um indicador seguro disso, o incremento da irritabilidade, da agressividade, da violência, da delinqüência e da criminalidade é certamente sua contrapartida, no registro dos *laços sociais*.⁴³

No entanto, se essa nova cartografia da dor e do mal-estar evidencia uma diminuição efetiva do investimento narcísico das crianças e dos adolescentes, é preciso destacar agora que isso tem efeitos significativos na constituição da *imagem corporal*.

⁴⁰ Pontalis, J.B. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Número 10. Paris, Gallimard, 1974.

⁴¹ Pontalis, J. B. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Número 11. Paris, Gallimard, 1975.

⁴² Birman, J. "Subjetividades contemporâneas". In: Birman, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Op. cit.

⁴³ Ibidem.

No que concerne a isso, Lacan destacou a importância do *estádio do espelho* para a constituição psíquica, desde os seus trabalhos psicanalíticos dos anos 30 e 40, do século XX.⁴⁴,⁴⁵,⁴⁶ Seria pela mediação de tal estágio, com efeito, que uma experiência inaugural de reconhecimento seria realizado pelo Outro, pela qual a certeza de existir se inscreveria no futuro sujeito. Portanto, algo do registro do ser se inscreveria aqui, nesse registro psíquico, mesmo que o sujeito ficasse à mercê do olhar alheio do outro para a confirmação de sua imagem e de sua certeza de existência. Não obstante a marca da *alienação* que essa experiência imprimiria no sujeito, enfim, a certeza de ser desse encontraria aqui a sua condição concreta de possibilidade.

Retomando essa proposição teórica de Lacan, mas numa outra perspectiva, bastante original, Winnicott indicou a importância crucial do olhar da mãe para a constituição da certeza de ser do infante. Pelo agenciamento da figura da mãe *suficientemente boa*, com efeito, a constituição do *espaço* e do *objeto transicionais* seriam possíveis,⁴⁷ caucionados que seriam pela sustentação ontológica que isso possibilitaria ao infante.

Assim, é preciso destacar que é a construção efetiva da imagem corporal o que está em questão hoje, em sua consistência ontológica. A precariedade dos investimentos narcísicos nas crianças e adolescentes, pela relativa ausência do olhar e da presença nas novas produções sociais de existência das figuras parentais, incide inequivocamente sobre a constituição da imagem do *corpo próprio* daqueles. Com efeito, as angústias de *despedaçamento* e da *fragmentação* corpóreas se disseminam fartamente na atualidade, nas novas modalidades de perturbações psíquicas existentes, pois seria justamente a imagem corporal que deveria fornecer um *continente* e uma forma totalizadora para a anárquica produção pulsional originária do corpo infantil.⁴⁸ Como um contorno libinal que envolve e delinea o registro do somático, enfim, a imagem do corpo próprio possibilitaria a constituição no psiquismo das oposições *dentro/fora*, inicialmente, e *interior/exterior*, posteriormente.

Pelas esculturações e pictografias da superfície corporal, os adolescentes e jovens adultos buscam, com ardor e desespero, serem reconhecidos em suas singularidades. Essa exibição ostensiva indica a demanda por um olhar que os destaque do anonimato a que foram lançados, no mundo da *errância* pós-moderna. Por isso, tais pictografias e incrustações

⁴⁴ Lacan, J. “Les complexes familiaux dans la formation de l’individu” (1936). In: *Encyclopédie française sur la vie mentale*. Volume VII. Paris, 1936.

⁴⁵ Lacan, J. “L’agressivité en psychanalyse” (1948). In: Lacan, J. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.

⁴⁶ Lacan, J. “Le stade du miroir comme formateur de la Fonction du Je” (1949). Idem.

⁴⁷ Winnicott, D. W. *Brincar e realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

⁴⁸ Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité* 1º ensaio. Op. cit.

esculturais penetram nosso olhar à revelia, tal a demanda de reconhecimento dos jovens, que se faz presente nessa *mise-en-scène*. Penetrando, então, como intrusos no nosso espaço visual e se instalando como *estranhos no ninho*⁴⁹ no campo do nosso imaginário, tais esculturas e pictografias dos jovens nos obrigam a pensar no destino *sinistro*⁵⁰ desses na atualidade.

XI. Ortopedia e filiações

Assim, os *piercings*, tão na moda, visam a dar consistência a uma imagem corporal que, no limite, se desvanece e se fragmenta, dissolvendo-se em sua suspensão e despedaçamento. Como parafusos perfurantes, que se incrustam nas dobras do nariz, da boca, da língua, das orelhas e dos órgãos genitais, os *piercings* são *próteses* pelas quais se procura estabilizar a imagem corporal, já que esta não se mantém em pé por si própria. Prestes a se desvanecer a qualquer momento, ela precisa desses artefatos para se manter minimamente estruturada. Depreende-se daí que os *piercings* funcionam como parafusos de uma *máquina ortopédica*, que nos evocam ainda, é claro, os *autômatos* pós-modernos.

É evidente que a instabilidade da imagem do corpo próprio supõe a fragilização dos processos de simbolização. A precariedade dos processos de reconhecimento no registro *simbólico* provoca, em contrapartida, a busca do reconhecimento no registro do *imaginário*,⁵¹ para nos valer aqui dos conceitos teóricos de Lacan. Se pelo discurso e pelos laços sociais o sujeito não pode obter o reconhecimento simbólico efetivo, ele deve buscá-lo de outra maneira, no registro do imaginário.

Portanto, se os adolescentes e jovens adultos não podem ser reconhecidos simbolicamente, pelo discurso, lançam mão de escritas corporais, pelas quais a gramática do verbo se transforma em escritura corpórea. Se as palavras não podem ser escutadas, apesar de serem ditas em alto e bom som pelos jovens, até mesmo com estridência, o sujeito busca ser reconhecido pela retórica da escrituração corporal, que passa a ser enunciada com eloquência em sua impactante visualidade. A *escrita*, então, assume o lugar e a função da *voz*, no deserto discursivo do mundo pós-moderno.

Com isso, no entanto, a juventude evidencia também sua busca e inscrição em outros sistemas de *filiação*, como os antigos marinheiros, que se lançavam de modo intrépido na aventura dos oceanos, passando a existir numa espécie *no man's land*, numa terra de ninguém, entre os portos que seriam os seus únicos pontos seguros de referência na amplidão dos mares. Pelas tatuagens, os jovens de hoje, como os marinheiros de ontem, se

⁴⁹ Kesey, K. *Um estranho no ninho* (1962). Rio de Janeiro, Best Bolso/Record, 2007.

⁵⁰ Freud, S. “L’inquiétante étrangeté” (1919). In: Freud, S. *Essais de psychanalyse appliquée*. Paris, Gallimard, 1933.

⁵¹ Lacan, J. “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse” (1953). In: Lacan, J. *Écrits*. Op. cit.

sentem sem qualquer *cidadania e referências familiares*, órfãos do mundo desértico que lhes foi outorgado pelos pais. Essa é, enfim, a condição *trágica* dos adolescentes e dos jovens adultos na atualidade.

Constituiu-se, assim, filiações imaginárias, com as quais esses e aqueles buscam, na atemporalidade das referências simbólicas, aquilo que o mundo social não lhes oferece efetivamente. É crescente e profundo o *ressentimento* daqueles em relação aos pais e à ordem social, pelo destino funesto e sem esperança, destituído de qualquer horizonte visível, ao qual foram lançados. Por isso mesmo, procuram *animalidades* imaginárias que lhes permitam inscrever-se em sistemas de filiação, tentando assim pela *tribalização*, encontrar um lugar seguro onde posam inserir-se e se destacar no campo errático da atualidade. O que se pretende com isso, enfim, é alguma forma de *pertencimento* e de reconhecimento.

Num mundo pós-edipiano, no qual o sujeito tem que realizar os seus percursos e delinear a sua cartografia existencial, o que se impõe cada vez mais no imaginário contemporâneo é a figura de Hamlet. Com efeito, tal como a famosa personagem de Shakespeare, o que se impõe ao sujeito cada vez mais, como um imperativo categórico, é a dúvida ontológica fundamental entre a condição de ser e a de não ser. Enfim, *ser* ou *não ser*, eis a questão que se coloca ao sujeito marcado pelo vazio, no mundo desértico e vaporoso da atualidade.

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2007